

Thaïs Campos Monteiro

MAIS ALÉM
DO DRAMA POÉTICO
DE FERNANDO PESSOA



temas portuguesas

INTRODUÇÃO

Meus versos são meu sonho dado.
Quero viver, não sei viver,
Por isso, anónimo e encantado,
Canto para me pertencer.

FERNANDO PESSOA

Que eco faz Fernando Pessoa nos leitores de hoje, que tão grande vulto tem vindo a ganhar no cenário da poesia universal? Essa questão nos ocorreu logo no início do nosso interesse por um estudo psicológico desse autor. Sobre a identificação do público com a obra de arte, já dizia Freud que o artista leva o público à mesma liberação dos desejos insatisfeitos que ele realiza, através de suas «fantasias optativas pessoais [...] e oferece aos outros atraentes obras, fontes de prazer, que obedecem às normas estéticas». Partilhando da obra do artista, em seu escape da realidade insatisfatória, vivemos o prazer por ela proporcionado como um prolongamento do brincar, na infância.

«Personalidade proteiforme», diz seu contemporâneo, e biógrafo, João Gaspar Simões. Com a riqueza de seu génio poético, Fernando Pessoa escrevia para variados tipos de público, em que tem vindo a ressoar com renovado vigor, passadas mais de seis décadas da sua morte. Ainda, há o aspecto ocultista, que alcançou sua teoria poética e actuou de modo importante nos seus propósitos individuais. Num sentido mais abrangente, o filósofo e escritor mexicano A. Ordoñez (1993) o considera um poeta «paradigmático ao desencanto e profundo sentimento de solidão individual», vividos na modernidade. E esse mesmo autor acrescenta que, «se a obra de arte pretende oferecer uma realidade particular,

útil ao receptor, para ampliar a sua própria, verificamos que o esforço de Pessoa é, pelo menos, quádruplo».

Então, indagamos: que tipo de divisão interna expressa Fernando Pessoa, na qual consegue se manter até ao fim, vivendo social e afectivamente retraído, e ainda lograr uma comunicação universal na sua linguagem poética? Essa é a questão principal que nos move, objectivando vislumbrar o autor reflectido nessa obra diversa que, desde os companheiros imaginários de infância, ganhou dezenas de assinaturas e, por fim, centrou-se em quatro: os três que Fernando Pessoa denominou heterónimos — Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, o seu «drama em gente», e ele mesmo, na obra em que assina o seu próprio nome.

Desse modo, em nosso estudo, estamos-nos a cingir a um recorte que incide sobre a génese e os processos de criação e evolução dos heterónimos poéticos, utilizando-nos do campo conceptual psicanalítico aplicado à criação literária. Para isso, caminhamos dos textos freudianos, base e suporte dos enriquecimentos posteriores no campo da teoria psicanalítica, aos dos autores que se incluem na chamada escola inglesa das relações objectais e aos daqueles que se dedicam, com mais especificidade, ao estudo dos criadores de talento, notadamente, literários. Tal é o contexto teórico que orienta nossa abordagem psicológica do autor Fernando Pessoa, centrada no fenómeno da expressão poética heteronímica.

Destacamos três campos principais, directamente envolvidos em nosso estudo:

- 1) A história de vida do autor, envolvendo os dados biográficos, desde a infância à fase pré-literária e à propriamente literária, do autor adulto. Ou seja, os factos da vida, num percurso cronológico, vistos dentro da ambiência familiar e sócio-cultural da época em que viveu o autor. Um duplo aporte aqui nos orienta, sob o mesmo enfoque psicanalítico: no que se refere à ênfase conferida ao ambiente das primeiras relações, principalmente à mãe — pela sua importância em propiciar o desenvolvimento do bebé, no rumo de se tornar uma pessoa total — e quanto à proposição de que a vida de um autor se reflecte em sua obra;

- 2) A criação dos heterónimos (com raiz nos companheiros imaginários da infância) sob os aspectos da génese literária (incluindo filiações literárias e identificações); o substrato místico doutrinário da teoria filosófica, que o autor tenta construir, para fundamentar a teoria estético-literária que vem inovar com a obra desses quatro nomes (já que insere a sua própria junto à dos demais); o imaginário poético que, à superfície, mostra características distintas e até antagónicas das «personalidades» que o criam;
- 3) O terceiro campo, que veio inserir-se em decorrência do desenvolvimento da pesquisa, é o que se situa na área do ocultismo. A mística judaica — a Cabala — e a gnose cristã são algumas das seitas secretas ou crenças (e práticas) esotéricas que envolvem tanto a vida quanto a obra de Fernando Pessoa, a que o próprio retraimento pessoal em que viveu o autor pode ter favorecido. Indagações sobre o seu vulto e sua significância psicológica são aqui realizadas, com a contribuição de estudos sobre a fenomenologia das religiões.

Através da articulação desses contextos, sob o enfoque teórico-metodológico psicanalítico — observados os limites a que nos cingimos em nosso estudo, além das restrições inerentes à própria natureza da pesquisa — visamos conhecer o percurso dessa configuração singular e única em seus contornos e dinamismos psíquicos, fruto de suas vivências singulares e únicas. Encontros e desencontros desse trajecto não linear, os diálogos interiores que estabelece com partes suas, a que dá nomes, vão aflorar na criação estética que dramatiza através das falas poéticas dos heterónimos e da sua própria. Modos de ser, manifestações que são próprias dele, Fernando Pessoa, mas que parecem tentativas de alcance de uma unidade pessoal e única, de uma busca de si mesmo, indicando algum tipo de cisão interna.

As perdas por morte e rupturas sofridas pelo poeta são uma constante ao longo da sua vida, desde a infância, e irão reflectir-se no imaginário poético desse seu «drama em gente». E é com o foco voltado para a génese e o processo da criação heteronímica que tentamos compreender a complexidade psicológica desse

autor, através do imaginário poético da obra que construiu, da vida que viveu seu criador, no grande isolamento afectivo, sexual e social, imerso em reflexões filosóficas e crenças ocultistas, que parecem ter participado da confecção desses personagens, com quem partilhou sua vida interior, para quem criou biografias e deu voz poética.

Nesta construção heteronímica feita pelo autor, identificamos o drama íntimo, os objectos em torno dos quais se processam suas lutas mais profundas, seus recursos defensivos a favor da vida e, aí, sem dúvida, o papel que a arte, inclusive no pólo ocultista, exerceu para esse poeta.

Lembramos aqui o que diz Freud (seu contemporâneo) sobre a identificação que estabelece o espectador com a obra de arte, participando da sublimação emocional que o autor realiza. Em relação a Fernando Pessoa, parece-nos que o homem de hoje, das sociedades desenvolvidas, como vem sendo descrito — pelo menos nos aspectos clínicos, como os relatam estudos psicanalíticos — vive buscas semelhantes, angustiado pela falta de um objectivo, ou um sentido, para a vida, embora possa aparentar, contraditoriamente, ser bem sucedido, afectiva e socialmente, em seu modo de viver.

Talvez seja Fernando Pessoa esse tipo de poeta que, ao dizer em versos que canta para se pertencer, ainda que tão distanciado no tempo, esteja, no entanto, mais próximo do homem contemporâneo da cultura ocidental, no que este sofre o desencantamento do mundo, no avanço da mecanização, na dissolução dos laços sociais, e um constante estado de insatisfação, a que se refere a escola sociológica de Frankfurt. E aqui encontramos o imenso valor da obra de arte, quer pelo suporte de vida, que representa a sublimação pela arte para muitos criadores, quer pela sua importância social, já que possibilita ao público do artista, através do prazer estético, participar da sublimação que ele realiza.

PARTE I

**INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA — ENTRE PERDAS
E RUPTURAS**

APÊNDICE

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES SOBRE FERNANDO PESSOA

Desde a morte do autor, sua obra permaneceu sob a guarda de sua irmã, Henriqueta Madalena Rosa Dias, até 1968, quando iniciou-se o arrolamento oficial do espólio pessoano, determinado pelo governo. A autora, e estudiosa do poeta, Teresa Rita Lopes (1990, pp. 14-15), que microfilmou o espólio na Biblioteca Nacional de Lisboa, nos apresenta a seguinte contagem: «27 543 documentos, dos quais 18 816 manuscritos, 3948 dactilografados e 2662 mistos, distribuídos por 243 envelopes». Essa autora comenta, ainda, sobre a dificuldade da leitura dos manuscritos, pela letra do poeta «penosíssima de decifrar», além do facto de muitos documentos não apresentarem data nem assinatura, o que leva aos pesquisadores a tarefa de atribuí-las (datas e assinaturas) a critérios, entre outros, estilísticos e temáticos.

Assim se justifica «a enorme massa de textos postumamente publicados», que, no entanto, constitui pequena parte do que existe no espólio, sobretudo em relação ao que Fernando Pessoa viu publicado, esparsamente (em revistas e periódicos) em sua vida, «durante vinte e três anos [entre 1912 e 1935]: 132 textos de prosa e 299 de poesia» (cf. J. Blanco, *Fernando Pessoa, Esboço de uma Bibliografia*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1983, p. 13).

Em vista do lapso de tempo que decorreu entre a morte do autor e o início do arrolamento da vultosa obra de Fernando Pessoa (que inclui, ainda, ensaios sobre filosofia, doutrina estética, esoterismo, sociologia e outros), grande parte da obra permanece inédita.

O interesse cada vez maior por Fernando Pessoa, considerado o maior poeta português, desde Camões, traduzido em vários

idiomas, vem mostrando a ressonância desse autor que inovou, na arte literária, há mais de oitenta anos, e que por um longo tempo, pelos factos que assinalamos, permaneceu quase desconhecido do grande público.

ÍNDICE

Introdução	7
------------------	---

PARTE I

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA — ENTRE PERDAS E RUPTURAS

1. Em Portugal — a infância, onde tudo começa (1888-1895)	13
1.1. Breves referências biográficas e características pessoais dos pais de Fernando Pessoa	13
1.2. O nascimento, em Lisboa, o nome de baptismo e o ambiente familiar (1888-1893)	15
1.3. Doença, morte e loucura na família. Alfabetização e primeiros companheiros imaginários (1893-1894)	17
1.4. A primeira poesia. Segundo casamento da mãe e mudança para a África do Sul (1894-1895)	21
1.5. Considerações psicológicas sobre a infância do autor e explanações sobre o enfoque teórico	24
2. Na África do Sul — das tormentas à boa esperança (1896-1901)	41
2.1. Em Durban (ou Porto Natal): a escolarização na língua inglesa e a nova estrutura familiar (1896-1899)	41
2.2. Primeira fase da High School. Novos companheiros imaginários (ingleses). Morte da irmã às vésperas da primeira viagem de retorno à Pátria (1899-1901)	44
2.3. Um ano em Portugal: retomada da cultura, da língua e das raízes familiares. As «personalidades literárias» no idioma português (1901-1902)	49
2.4. De volta à África do Sul: novas «personalidades literárias». A Commercial School: leituras filosóficas e literárias; o livro de versos e projectos (1902-1904)	56

2.5. Último ano da High School e estudos em Artes da Universidade do Cabo da Boa Esperança. Destaque académico. Viagem de volta a Portugal (1904-1905)	64
3. Retorno à Pátria. Fase de transição para as Letras Portuguesas (1905-1911)	67
3.1. A volta à casa da avó paterna e das tias-avós maternas. Crise de indefinição pessoal. Morte da avó e recebimento de herança. A Tipografia Íbis (1905-1907)	67
3.2. «Correspondente estrangeiro em casas comerciais»: autonomia de vida. Mudanças políticas em Portugal e «projectos patrióticos». O simbolismo, a literatura portuguesa (1908-1911)	87
3.3. A questão do <i>nome</i> — identificações, missões e raízes	102

PARTE II

RENASCIMENTO PORTUGUÊS — UM DRAMA EM POETAS

4. Estreia na literatura, no idioma português. A criação dos heterónimos (1912-1915)	121
4.1. O movimento literário da Renascença Portuguesa. Estreia de Fernando Pessoa com ensaios de crítica. Encontro com Sá-Carneiro. O novo grupo literário (1912)	121
4.2. Estreia, como poeta, na literatura portuguesa. Os «Poemas dramáticos» e a «arte de sonho». A primeira corrente literária: Paulismo. Outras poesias (1913)	130
4.3. Outros movimentos literários: interseccionismo e sensacionismo. A criação dos heterónimos e a estreia (interrompida) com a revista <i>Orpheu</i> (1914-1915)	159
5. Mais além da poesia dramática — divisão interna e ocultismo	166
5.1. Teoria poética: filiações literárias, fundamentos filosóficos e esotéricos; o carácter «associal» dos heterónimos e o retraimento afectivo de Fernando Pessoa (1915-1924)	166
5.2. A divisão interna no «desassossego» em Bernardo Soares. A importância psicológica do ocultismo em Fernando Pessoa: o <i>nome</i> , a <i>missão</i>	205

PARTE III

A CRIAÇÃO HETERÓNIMA — EM BUSCA
DA UNIFICAÇÃO

6. Heterónimos poéticos — considerações sobre a génese e a fase inicial da criação (1913-1919)	259
7. Shakespeare em Pessoa — modelo maior de identificação	331
7.1. Shakespeare-Hamlet, sob perspectiva psicanalítica. O enredo de Édipo e a sintomatologia neurótica	331
7.2. Fernando e Ofélia: a primeira relação amorosa (e secreta) do poeta, iniciada nas vésperas do retorno de sua mãe e irmãos a Lisboa (1920)	359
8. Segunda fase da poesia heterónima; segunda fase do romance com Ofélia (1921-1929)	382
8.1. Novo afastamento da família e morte da mãe. O reaparecimento de Álvaro de Campos e a evolução da obra heterónima (1921-1928)	382
8.2. Fernando e Ofélia: segunda fase do namoro, com participação de Álvaro de Campos (1929)	406
9. A evolução da criação poética e as conquistas realizadas nos anos finais do autor, na vida, como na obra (1929-1935)	420
9.1. Vivências de depressão e de ameaças de fragmentação interna; o amparo no pólo ocultista (1929-1933)	420
9.2. O «Supremo repouso», na poesia ocultista; o novo <i>santo</i> de seu nome e a publicação de <i>Mensagem</i> (1934-1935)	468
Conclusão	513
<i>Bibliografia</i>	523
<i>Apêndice</i>	529